



Autoridade de João Batista e de Jesus: para servir o reino de Deus

The John the Baptist's and Jesus's authority: to serve the kingdom of God

Vicente Artuso

Doutor em Teologia pela PUC-Rio com área de concentração em Teologia Bíblica, Mestre em Ciências Bíblicas pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma, licenciado em Filosofia e graduado em Teologia. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), professor de Teologia e Sagrada Escritura em Londrina e Curitiba, Londrina, PR - Brasil, e-mail: vicenteartuso@gmail.com

Resumo

O artigo aborda o tema da autoridade de João Batista e de Jesus. Acentua-se a questão da relação de João com Jesus e a missão a serviço do reino. João reconhece Jesus como o mais forte, que batizará com um batismo mais eficaz. Jesus reconheceu a autoridade de João e aprovou sua missão como vinda de Deus. As analogias entre eles justificam a sua missão divina: João como profeta que prepara o povo e Jesus como o que anuncia a chegada do reino. O cumprimento de toda a justiça é a missão que os une. No exercício do poder como serviço, João e Jesus também revelam a proximidade do reino e as condições para nele entrar.

Palavras-chave: Autoridade. Relação. Jesus. João Batista. Reino.

Abstract

The article pretend to deepen the authority of John de Baptists and Jesus. It's pointed out the relation between John and Jesus and their mission towards the service of the kingdom. John recognized Jesus like the most powerful who baptized with the most effective baptism. Jesus recognized the authority of John, and approved his mission like something that comes from God. The analogies between Jesus and John justified their divine mission. John a prophet who prepared the people and Jesus, who announced the coming of the kingdom. The accomplishment of all justice is the mission of Jesus and John. In the exercise of their power in the form of service, John and Jesus also revealed the closeness of the kingdom and the conditions to enter into it.

Keywords: Authority. Relation. Jesus. John the Baptist's. Kingdom.

Introdução

O presente estudo mostra os contrastes entre a pregação de João Batista e Jesus, e os pontos comuns na vida, na pregação e na prática em favor do reino de Deus. Pretende-se destacar a autoridade dos dois e a influência de cada um. Atenção maior será dada ao ministério de João e sua relação com Jesus. As fontes bíblicas para este estudo serão os textos de Lc 1-2; Mc 1,7-8; Mt 3,13-17; 11,2-19, que têm referências mais explícitas à relação entre João Batista e Jesus.

Jesus reconheceu a autoridade de João e aprovou sua missão como vinda de Deus. João, o precursor, não se apegou à sua missão e reconheceu Jesus, que vinha depois dele, como o mais forte. Enfim, era necessário que João e Jesus cumprissem toda a justiça. No exercício do poder como serviço e solidariedade, a seu modo, João e Jesus revelam a proximidade do reino e as condições para nele entrar. Assim, as promessas de Deus se realizam na missão profética do precursor antenado com aquele que vem depois e que é maior do que ele. A lei e os profetas vieram até João e daquele momento em diante o reino de Deus foi anunciado.

João e Jesus: nascimento e infância

O Evangelho de Lucas coloca em paralelo: anúncio do nascimento,¹ nascimento, e alguns dados da infância de João Batista e de Jesus. Ao relatar as semelhanças entre os dois, mostra a ligação do povo da antiga aliança e suas esperanças messiânicas com o povo da nova aliança. O encontro de Maria com Isabel é o início do cumprimento das promessas que acontece na vinda de Cristo e no anúncio do reinado de Deus. Isabel, mãe de João Batista, representa o antigo acolhendo o novo. Quando recebe a saudação de Maria, o menino salta de alegria no seu ventre e Isabel, cheia do Espírito Santo, reconhece que Maria traz Jesus, o Filho de Deus e Senhor: “como pode que a mãe do Meu Senhor, me venha visitar? Logo que a tua saudação chegou aos meus ouvidos a criança estremeceu de alegria em meu ventre” (Lc 1,43-44).

Zacarias e Isabel, com Simeão e Ana, representam o melhor do povo de Israel, e representam também o fim de uma etapa. O filho que nasce (João) está em função do Novo (Lc 1,17) e recebe dele o Espírito Santo (Lc 1,15; 2,41) (CNBB, 1997, p. 54). Lucas destaca as etapas da história e o papel de João, que faz a ligação com a novidade do reino: “a lei e os profetas vieram até João, dali em diante é anunciada a boa nova do reino” (Lc 16,16). A autoridade de João advém de seu papel de precursor que cumpre sua missão profética de abrir caminho para nova etapa da história da salvação. O paralelismo entre João e Jesus, no relato da infância de Lucas, mostra o destino profético de João “cheio do Espírito Santo desde o seio materno” (Lc 1,15).

¹ Além do anúncio do nascimento de João Batista e Jesus, encontram-se também no Antigo Testamento textos que anunciam um nascimento extraordinário (Isaac Gn 17-18; Moisés Ex 3-4; Gedeão Jz 6). Eles empregam elementos comuns: Aparição do mensageiro, perturbação de quem recebe o anúncio, mensagem, interrogação, sinal (cf. Mauro Orsatti. *L'annuncio a Maria della nascita di Gesù* (Lc 1,26-38). In: LACONI, Mauro et al. *Vangeli Sinottici e Atti degli Apostoli*. Torino: Elledici, 1999. p. 477). O objetivo é teológico de realçar a origem divina e a vocação de personagens importantes da história do povo de Deus. Era costume os historiadores falarem da infância dos seus heróis (Ciro, Sargão II, Alexandre Magno) em vista de exaltar os seus dons, e sua importância na história.

Jesus

Anúncio (feito pelo anjo a Maria, mãe de Jesus): “eis que conceberás em teu seio e darás à luz um filho, e tu o chamarás com o nome de Jesus” (Lc 1,31).

Espanto: “Maria ficou intrigada” (Lc 1,29).

Relato do nascimento (Lc 2,1-12): “e ela deu à luz o seu filho primogênito, envolveu-o com faixas” (Lc 2,7).

Sobre o futuro do menino: será grande (Lc 1,32), será chamado filho do altíssimo (Lc 1,32), o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi (Lc 1,32), ele reinará (1,33), seu reino não terá fim (Lc 1,33).

Boa nova alegre: “eis que vos anuncio uma grande alegria que será para todo povo; nasceu-vos hoje um Salvador” (Lc 2,10-11).

Reações ao fato: “os pastores vendo Jesus contaram o que lhes fora dito” e todos os que ouviam ficavam maravilhados” (Lc 2,17-18). “Voltaram glorificando a Deus” (Lc 2,20). *Reação do exército celeste*: “juntou-se ao anjo uma multidão: Glória a Deus no mais alto dos céus” (Lc 2,13-14). Simeão “bendisse a Deus” (Lc 2,28), Ana também “agradecia a Deus e falava do menino a todos os que esperavam a redenção de Jerusalém” (Lc 2,38).

Imposição do nome: foi-lhe dado o nome de Jesus conforme o chamou o anjo (Lc 2,21).

Vida oculta: desceu a Nazaré e lhes era submisso... Jesus crescia em sabedoria, estatura e graça diante de Deus e diante dos homens (Lc 2,51-52).

João Batista

Anúncio (feito ao pai, Zacarias): Isabel, tua mulher, vai te dar um filho, ao qual porás o nome de João (Lc 1,13).

Espanto: “Zacarias perturbou-se e o temor se apoderou dele” (Lc 1,12).

Notícia do nascimento: algum tempo depois, Isabel, sua esposa, concebeu (Lc 1,24). “Completo-se o tempo para o parto, e ela deu à luz um filho” (Lc 1,57).

Sobre o futuro do menino: será grande diante do Senhor (Lc 1,14), ficará pleno do Espírito Santo (Lc 1,15), converterá muitos dos filhos de Israel

ao Senhor (1,16), caminhará com o Espírito e o poder de Elias (1,17), para converter os corações dos pais aos filhos (1,17) e os rebeldes à prudência (1,17), preparar um povo bem disposto (1,17).

Boa nova alegre: respondeu o anjo a Zacarias: “eu sou Gabriel [...] fui enviado para anunciar essa boa nova” (Lc 1,19), referindo-se ao anúncio do nascimento de João.

Reação ao fato: os vizinhos e parentes, ao ouvir dizer que Deus a cumulara com sua misericórdia, com ela se alegram (Lc 1,58).

Todos gravavam essas coisas no coração e diziam: “que virá a ser esse menino?” (Lc 1,66). Zacarias, cheio do Espírito, profetizou sobre João: “e tu menino serás profeta do altíssimo, pois irás à frente do Senhor, para preparar-lhe os caminhos” (Lc 1,76).

Imposição do nome: o nome é dado pela mãe: “ele vai se chamar João” (Lc 1,60) e confirmado pelo pai, que escreveu: “seu nome é João” (Lc 1,63).

Vida oculta: “a mão do Senhor estava com ele” (Lc 1,66). “O menino crescia e se fortalecia em espírito. E habitava nos desertos, até o dia que se manifestou a Israel” (Lc 2,80).

As convergências entre João e Jesus aparecem nos anúncios do nascimento. O anúncio do anjo é recebido, por Zacarias e Maria, no início, com espanto. Ele revela quem é aquele que vai nascer e que o fato vai trazer alegria. Segundo Lucas, os nascimentos são boa notícia, pois a missão de Jesus, como Messias e Salvador, fora preanunciada nas palavras do anjo a Maria (Lc 1,31-33) e aos pastores (Lc 2,10-11). A missão profética de João Batista é explicada com detalhes só na anunciação do nascimento feita por Gabriel (Lc 1,15-17). Também na reação dos personagens envolvidos na história é revelada a identidade de Jesus e de João. Já as divergências maiores estão nos relatos do nascimento.

O nascimento de João é brevíssimo, ocupa dois versículos (Lc 1,57-58), enquanto o de Jesus é detalhado (Lc 2,1-12) (FITZMYER, 1987, v. II, p. 59-60). João será grande diante do Senhor (Lc 1,15) enquanto Jesus será grande, será chamado Filho do Altíssimo (Lc 1,32). João Batista fica cheio do Espírito Santo desde o ventre materno (Lc 1,15), mas, no caso de Jesus, o Espírito Santo é incluído na própria concepção. O Espírito Santo virá sobre Maria e o Santo que nascer será chamado Filho de Deus

(Lc 1,35). João Batista vai preparar um povo disposto diante do Senhor (Lc 1,17), mas Jesus é o Senhor, o Messias, o Salvador (Lc 2,11), que vai reinar para sempre na casa de Jacó (Lc 1,33-34) (BROWN, 2005, p. 358). Os comentários do povo: “que será desse menino?”, só aparecem em relação a João (Lc 1,65-66). A resposta se encontra no cântico de Zacarias: o menino será “profeta do altíssimo, irá adiante do Senhor para preparar os seus caminhos” (Lc 1,76). A missão profética de João foi bem explicada no anúncio do nascimento feito pelo anjo (Lc 1,15-17). A narração da infância destaca Jesus e João Batista, que intervêm ativamente na história da Salvação. Ambos vêm de Deus: João é profeta do altíssimo (Lc 1,76), Jesus é Filho de Deus Altíssimo (Lc 1,32.35). Em relação a João, Lucas deixa claro que ele é apenas o precursor do Messias. É o único dos sinóticos que explicita a condição não messiânica de João (Lc 3,15-16) (FITZMYER, 1987, v. II, p. 61). Portanto, a autoridade de João está na sua missão profética como precursor. E, por isso, Lucas explica: ele “será grande diante do Senhor” (Lc 1,15), ficará pleno do Espírito Santo, caminhará no espírito de Elias, pregará conversão, preparará ao Senhor um povo bem disposto (Lc 1,15-17). A importância de João Batista é seu papel profético no esquema da história da salvação em Lucas: “a Lei e os Profetas até João! Daí em diante é anunciada a Boa Nova do Reino de Deus” (Lc 16,16). Por seu papel importante e sua autoridade profética, João é exaltado nas palavras de Jesus: “ninguém nascido de mulher é maior que João Batista” (Lc 7,28; Mt 11,11). Esses dados reforçam a missão profética de João como o novo Elias que preanuncia a proximidade do reino.

Superioridade de Jesus em relação a João

A pregação de João Batista prepara o caminho do Senhor. João tem uma função transitória de preparar o povo que seja disposto. O povo ia até João e recebia a notícia de uma promessa: “depois de mim vem o mais forte do que eu, ele vos batizará com o Espírito Santo” (Mc 1,7). Jesus é mais forte, mais poderoso, mais capaz. No Evangelho de João se insiste que João Batista não é o Messias, mas aquele que veio dar testemunho (cf. Jo 1,19-34). Marcos não apresenta qualquer detalhe para identificação do

Messias, mas apenas a relação de função entre os dois. É como a relação de escravo com o patrão: João não se acha digno nem de realizar os deveres humildes dos escravos – que eram: desatar as sandálias ou carregá-las. A comparação entre João e Cristo dava-se nos mais diferentes níveis: na pessoa, na autoridade, na missão (MAZZAROLO, 2004, p. 45). João está ciente que não é o Messias, porque depois dele vem o mais forte. O texto de Mc 1,7 (par. Mt 3,11), ao falar do personagem que vem depois, usa o comparativo “o mais forte”. Quem será o “mais forte” que vem depois? Jesus é mais forte em relação a João Batista, enquanto vai realizar um batismo mais eficaz no Espírito Santo (Mc 1,8), mas especialmente porque na prática de Jesus o reino futuro anunciado começa a acontecer. No contexto sinótico da atuação de Jesus, que liberta o povo do poder do mal, a metáfora do “mais forte” pode ser entendida melhor. Segundo Ched Myers (1992, p. 166), o comparativo de Jesus “o mais forte” se refere à luta de Jesus com o “homem forte” (Mc 3,27), que representa o poder do mal a ser vencido.

O termo “*iskurós*” (forte) tem uma larga história (cf. Is 49,25; 53,12). Segundo Vincent Taylor (1979, p. 168), “se aplica de muitas formas a satanás (Mc 3,27), aos opressores poderosos (Ap 6,15; 19,18), aos anjos (Ap 10,1; 18,21) e a Deus (Ap 18,8; 1Cor 10,22)”. Na parábola de Mc 3,27; Lc 11,22, o “forte”, que para entrar na casa do homem “forte” precisa amarrá-lo para resgatar os bens, é Jesus que veio vencer o poder do mal. Portanto, Jesus é “o mais forte”, o libertador esperado, o juiz que vai vencer o forte poder do mal, vai amarrá-lo para libertar a humanidade. Os exorcismos de Jesus e as curas são sinais da sua vitória sobre o forte (RABUSKE, 2001, p. 181).

Como referimos em Mc 1,7; Mt 3,11, Jesus é apresentado por João como mais forte do que ele, por causa da eficácia do novo batismo de Jesus no Espírito Santo. João, pregando a conversão e ao realizar o batismo na água, “está fazendo um rito de passagem, assim como a água corre e passa também o efeito é passageiro. Quem ia a João deveria voltar, e quem encontrasse o Messias, depois não precisaria voltar, mas seria enviado a conferir o mesmo batismo” (MAZZAROLO, 2004, p. 46). O batismo no Espírito Santo é o de Jesus. Será esse batismo no Espírito Santo que proporcionará ao mais forte, Jesus, superar o batismo de água pregado pelo

batista. A ideia que o Espírito é dom escatológico dos tempos messiânicos foi preparada no judaísmo tardio (Jl 3,1-3), que o descreveu como aspersão (Ez 36,25-28). “Eu vos batizo com água, o que virá vos batiza com o Espírito Santo” (Mc 1,7-8) “e com o fogo” (Mt 3,11; Lc 3,16). Batismo de fogo e batismo no Espírito não podem estar separados (GNILKA, 1986, p. 55-56), estão profundamente unidos no batismo de Jesus e fazem parte de sua eficácia. O Espírito não pode interpretar-se como tempestade e fenômeno apenas de juízo, que é simbolizado no fogo, mas como o Espírito Santo que salva e consagra para a missão. Em Jesus, a salvação mediante misericórdia é mais importante que o juízo, que, para o Batista, era imediato (“o machado está posto à raiz” Mt 3,10). O batismo de João é então antecipação do batismo escatológico do Espírito, enquanto tal é adequado para preservar da destruição (juízo do fogo que consome) aqueles que produzirem verdadeiros frutos de conversão. Portanto, Espírito e fogo, com poder salvador e destruidor, estão igualmente unidos (Jl 3,1-5). É o batismo no Espírito que marca a superioridade de Jesus e sua autoridade maior em relação a João Batista.

Igualdade no cumprimento de toda a justiça

Se, por um lado, João confessa ser menor em vista da eficácia do batismo de Jesus, por outro, é Jesus que vem se submeter ao batismo de João como todos que vinham fazer-se batizar na água para a remissão dos pecados.

Antes da realização do batismo de Jesus, segundo Mt 3,13-17, João se opõe dizendo: “eu é que tenho necessidade de ser batizado por ti, e tu vens a mim?” (Mt 3,14b). Diante desse questionamento, Jesus responde: “deixa, por hora, de fato é apropriado a nós cumprir toda a justiça” (Mt 3,15). Chama a atenção o advérbio “arti” (por hora, no momento), que indica um tempo imediato, no presente. Portanto “é apropriado a nós cumprir toda a justiça”. A realização do batismo é conveniente, porque é o melhor no momento, em vista do cumprimento da justiça, pois o tempo se completou, o reino está próximo (Mc 1,14-15; Mt 4,17). Segundo Gunter Bornkamm (2005, p. 93), “Jesus jamais é opositor de João, ao contrário pronuncia-se

favorável a João (Mc 11,27-33) e une a própria missão com a do Batista”, a ponto de submeter-se ao batismo de João. Era uma questão de justiça Jesus e João estarem juntos no programa da realização da justiça do reino.

A justiça se expressa em atos humanos de Jesus, como foi sua solidariedade com os pecadores e sua caminhada com eles para o batismo de João. João Batista pregava a necessidade de produzir “frutos dignos de conversão” (Mt 3,8). Será a prática das obras de justiça o que fará do povo filhos de Abraão (cf. Mt 3,9). Conforme a maior parte de intérpretes, a intenção do termo “*dikaiousine*”, em Mt 3,15, assim como em Mt 5,10.20; 6,1, é expressar a ação humana. Conforme Ulrich Luz (1989, p. 177), esse sentido de justiça deve ser entendido como norma ética e religiosa com referência à conduta humana.² Portanto, a resposta de Jesus às objeções de João contém a preocupação teológica do Evangelho de Mateus, pois são as primeiras palavras colocadas na boca de Jesus. A frase indica que os leitores, ou ouvintes, conheciam a história do batismo de Jesus, sem a sentença programática sobre a necessidade de cumprir toda a justiça. A reelaboração teológica de Mateus introduz os leitores na dinâmica do reino, que é a prática da justiça.

Em última instância para Mateus, Jesus, que aceita o batismo de quem se diz menor, será revelado como Filho de Deus e o verdadeiro justo que pratica a vontade de Deus (LUZ, 1989, p. 174). A resposta de Jesus, nesse caso, é também um apelo para o cumprimento da lei, não estritamente do Antigo Testamento, que obviamente não ordena o batismo de João, mas no sentido da inteireza da vontade de Deus como é interpretada no Evangelho de Mateus. O termo “*pasa dikaiousine*” (toda justiça) não indica a especial justiça a ser cumprida apenas por Jesus”, mas “tudo o que é justo”. “Toda justiça” não isola Jesus dos cristãos, para os quais é determinada uma justiça mais alta (Mt 5,20), que supere a prática dos Escribas e Fariseus. Os cristãos, no evangelho, têm sede e fome de justiça (Mt 5,6) e devem procurar, antes de tudo, o reino de Deus e sua justiça

² Há quem interprete o termo “justiça”, em Mt 3,15, como “a ação de Deus com seu povo eleito, cuja medida Jesus levou a pleno cumprimento” (Ljungmann) (cf. LUZ, 1989, p. 177). O conceito de justiça de Deus como ação gratuita e misericordiosa de Deus se encontra em Mateus. É o que todos devem buscar: “sua justiça”. Contudo, aqui Jesus está também empenhado na prática da justiça humana, solidário com o povo que cumpre a lei.

(Mt 6,33). Com efeito, foi ordenado observar tudo o que Jesus ensinou (Mt 28,20). Essa observância plena liga Jesus aos cristãos, assim como Jesus está ligado a João Batista na prática da justiça (cf. Mt 3,15: “convém [...] a nós [...] cumprir toda a justiça”).

“Toda justiça” não consiste na realização do batismo de João enquanto rito. O batismo foi associado à teologia de Mateus como ocasião para revelar Jesus e seu compromisso, e como lugar em que ele inaugura o seu ministério. Quando Jesus se submete ao batismo, ele se insere como membro do novo povo de Deus e ali tem a vivência de sua vocação. Portanto, o batismo é o momento mais adequado em que a frase: “convém a nós cumprir toda a justiça” (Mt 3,15) recebe um caráter programático – Jesus, obediente à vontade de Deus, se torna protótipo e exemplo para os cristãos a partir do batismo (JEREMIAS, 1984, p. 82). Nesse sentido, “toda a justiça”, segundo Leopold Sabourin (1976, p. 190-191), “tem o significado da execução plena da vontade de Deus, uma contribuição com todas as forças, uma disposição plena à salvação de Deus, projetada por Jesus, segundo a “sua justiça”. Com razão, Descamps explica “a justiça” nesse texto como sinônimo de “Lei e Profetas”. Trata-se da justiça que deve ser praticada, isto é, da justiça da Lei (DUQUOC, 1977, p. 44), na sua inteireza, e que supera a letra. No fato de Jesus cumprir a lei e não apenas o rito, põe fim a essa mesma lei e a substitui pela justiça que não vem da lei, mas a que vem do Espírito. Por isso no texto é especificado que se trata de “toda a justiça”.

A preocupação em dar cumprimento de toda a justiça está presente com o verbo *pleroun* (cumprir plenamente), que aparece 11 vezes em Mateus para indicar a plena realização das exigências da lei em Jesus. Ele não veio para abolir a lei, veio dar-lhe o pleno cumprimento (Mt 5,17; 3,15). Portanto, com esse verbo, Mateus não exprime somente a execução ou a atuação de uma norma, mas sublinha a ideia de pleno cumprimento. Assim, na base do vocábulo “justiça”, confluem duas conotações na tradição bíblico-judaica: a) a vontade de Deus, que revela e atua seu projeto conforme suas promessas e com as exigências correspondentes; b) a plena e ativa conformidade do ser humano a essa vontade divina expressa na Lei e nos profetas (FABRIS, 1982, p. 83). A autoridade de João e de Jesus, bem como de todos os cristãos, se mostra nas obras. Em vista da realização da

obra de Deus, somos “parceiros”, e não há como fugir do compromisso comunitário: “convém a nós que se cumpra toda a justiça”. Essas obras da fé, que se tornam obra de Deus, darão autoridade aos eleitos para ficar em pé no julgamento (Lc 21,36) e para ser acolhidos como servos e servas fiéis e prudentes.

A identidade de Jesus e João: sabedoria justificada pelas obras (Mt 11,19)

A frase colocada nos lábios de Jesus: “a sabedoria foi justificada pelas suas obras” (Mt 11,19),³ é a conclusão da unidade literária de Mt 11,2-19 (par. Lc 7,18-35). Rinaldo Fabris (1982, p. 255), ao comentar o texto, observa o paralelismo entre a palavra “obras”, em Mt 11,19, e as obras, em Mt 11,5, no início do confronto. De fato, em Mt 11,5 se enunciam as “obras” de Cristo: “cegos recuperam a vista, coxos andam, leprosos são purificados, surdos ouvem, mortos ressuscitam e os pobres são evangelizados”. Parece claro, a partir da resposta de Jesus a João, que a questão central em Mt 11,2-19 (par. Lc 7,18-35) é esclarecer a identidade de Jesus, e também de João Batista, para retornar no fim ao tema do reconhecimento de Jesus associado a João. Essa intenção teológica é verificável na estrutura do texto em três partes:

- 1) Mt 11,2-6 (pergunta de João, se Jesus é o Messias, e resposta de Jesus): “ide contar a João o que estais ouvindo e vendo: cegos recuperam a vista, surdos ouvem, mortos ressuscitam”;
- 2) Mt 11,7-15 (elogio a João feito por Jesus): João é o maior entre os nascidos de mulher. João é um profeta, mais que profeta;
- 3) Mt 11,16-19 (aplicação à vinda de João e do Filho do Homem: Jesus): o povo não se converte e não aceita nem Jesus e nem João. Daí o autor vai apelar para a autoridade das obras: “a sabedoria é justificada pelas suas obras” (Mt 11,19).

³ O texto paralelo de Lc 7,35 tem: “a sabedoria é justificada por todos os seus filhos”. Tanto “obras” como “filhos” se adaptam bem ao texto.

Comentemos por partes o rico conteúdo teológico de Mt 11,1-19:

1) Mt 11,2-6: João estava preso (cf. Mt 4,12) e ouvira falar de Jesus. Então, na dúvida, enviou discípulos para perguntar se Jesus era o Messias ou se deveria esperar outro. Pode ser que a dúvida vinha da ausência de coisas espetaculares do messianismo de Jesus. Ou porque a pergunta de João tinha uma relação existencial com sua condição de prisioneiro: o Messias futuro devia libertar os prisioneiros, sobretudo os prisioneiros por causa da fé. Isso não estava acontecendo (BONNARD, 1983, p. 249).

Na verdade, João esperava o Messias – juiz temível da apocalíptica judaica, que vai queimar a palha ao fogo e vai cortar a árvore que não dá fruto (cf. Mt 3,1-17). Jesus responde mencionando as obras de libertação e não fala de juízo (Mt 11,5-6). Diferente da pregação de João, Jesus é como o vinhateiro que não corta de imediato a figueira estéril, mas ainda dispensa cuidados na esperança de produzir frutos, sendo o corte o último recurso (Lc 13,6-9). As obras de Jesus observadas pelos discípulos de João revelam a identidade messiânica dele. Eles devem retornar e contar isso a João, para que saiba que Jesus é o Messias verdadeiro (Mt 11,4).

Por meio dos seus discípulos, João recebe a certeza que Jesus é o Messias verdadeiro, pois as obras de libertação messiânica estão acontecendo. Os discípulos são testemunhas oculares dos acontecimentos, daí a precisão das informações. As obras falam mais alto que as palavras (MAZZAROLO, 2005, p. 173). As promessas de uma transformação, como foi anunciado nos profetas (Is 29,18-19; 35,5-7), se concretizam na pregação de Jesus (o que o povo está ouvindo) e na prática de Jesus (as curas e libertações que estão vendo): “ide contar a João o que estais ouvindo e vendo” (Mt 11,4): “os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e os pobres são evangelizados” (Mt 11,5). No final do elenco de sinais messiânicos, que foi o programa do ministério de Jesus lido na sinagoga de Nazaré (cf. Lc 4,18-19; Is 61,1-2), é mencionado como coroação “o ano da graça do Senhor”. Também aqui há uma superação do juízo. Lucas omite o “dia da vingança”, mencionado em Is 61,1. O novo tempo é o tempo das obras da gratuidade de Deus, da realização das promessas do reino. Portanto, a eficácia da pregação de Jesus em função do cumprimento das promessas do Antigo

Testamento supera no seu conteúdo a pregação de João Batista. A prática de Jesus e o seu ensino revelam sua identidade messiânica. Ele é o verdadeiro Messias esperado.

2) Na parte central (Mt 11,7-15), Jesus elogia João Batista como o maior. Com perguntas retóricas, quer afirmar que João não é um canção agitado pelo vento, comum no campo. Não é alguém vestido de roupas finas, algo mais raro, que habita nos palácios. Assim, mais raro é aparecer um profeta como João. Ele tem uma função única. A Lei e os Profetas profetizaram até ele (Mt 11,13) e doravante João é o mensageiro que vai preparar o caminho (Mt 11,10). O povo procurava um profeta, e Jesus afirma que João é mais que um profeta. Aliás, sua missão profética de precursor de Cristo o faz maior que todos os profetas. Nesse elogio a João, Jesus confirma a autoridade dele como representante da grande tradição profética (Mt 14,5; 21,26). A grandeza de João está em estreita relação com o ministério de Jesus que se inicia e a proximidade do reino. O povo também acreditava que João era profeta, e Jesus o exalta como profeta por excelência: “Entre os nascidos de mulher, não surgiu nenhum maior que João Batista” (Mt 11,11a). Contudo, depois acrescenta: “o menor no reino dos céus é maior do que ele” (Mt 11,11b). Pierre Bonnard (1983, p. 252) explica que “a grandeza de um homem não se mede por suas qualidades intrínsecas, mas antes pela participação no reino. João é muito grande, pois está na entrada do reino, porém o discípulo mais pequeno, que seguindo Jesus participa já do reino futuro, é maior que João Batista”. Portanto, grande e pequeno nesse contexto e no vocabulário de Mateus não definem uma graduação moral, mas o estatuto dos crentes em relação a Cristo (cf. Mt 10,42; 18,6.10.14) (cf. FABRIS, 1982, p. 258).

Para completar a apologia de João Batista, Jesus arremata: “se quiseres dar crédito, ele (João Batista) é o Elias que deve vir” (Mt 11,14).⁴ Elias inaugura a profecia clássica, como denúncia e anúncio do juízo. Ele é o maior defensor do Javismo. João Batista é o maior entre os nascidos de

⁴ Elias deixou uma impressão permanente por causa de sua ascensão misteriosa (2Rs 2,11; Eclo 48,9.12). A expectativa de sua volta, formulada em Eclo 48,10-12, era muito viva entre os judeus no Novo Testamento (Mt 16,14 par; 17,10-13 par; 27,47-49 par; Jo 1,21.25). Via-se em Elias uma figura messiânica como um servo de Javé (Is 49,6 com Eclo 49,10), portanto um precursor de Deus que ia manifestar-se no juízo, ou um precursor do Messias (BORN, 1971, coluna 443).

mulher, justamente porque “Profetas e a Lei, profetizaram até João” (Mt 11,13), daí em diante o reino é anunciado (cf. Lc 16,16). João já participa do novo, como Jesus novo profeta anuncia o reino e a conversão (Mt 3,2; 4,17). O que mais eles esperavam era a vinda do Messias precedida pela volta de Elias (Ml 3,23).⁵ Isso agora acontece: o ministério de Jesus e a pregação do reino com milagres são testemunhados pelo povo, enquanto João Batista, que fecha o ciclo dos profetas (cf. Mt 11,13) está preso no fim de sua missão. Jesus de vez confirma a autoridade de João, o maior profeta entre os nascidos de mulher.

3) A parte final (Mt 11,16-19) mostra que o povo não reage diante da pregação de João e Jesus: há música e não dançam; fazem lamentações e ninguém chora. Isso significa que a palavra não encontrava eco no coração daquela gente. A pregação era uma voz que clamava no deserto! Nessa passagem, Jesus e João não eram reconhecidos como profetas. João faz jejum, não come, não bebe e dizem que tem um demônio. Jesus come e bebe e dizem que é comilão e beberrão (Mt 11,18-19). Não aceitavam Jesus como Messias, não reconheciam as obras que eram vistas por todos: “cegos recuperam a vista, surdos ouvem, mortos ressuscitam”. Rinaldo Fabris (1982, p. 257) acrescenta: “segundo Mateus, a pregação de João está sob o sinal e dinamismo da conversão: ‘Convertei-vos porque o reino dos céus está próximo’” (Mt 3,2). Essa conversão é revelada nas obras de penitência conforme a pregação de João: “produzi frutos dignos de arrependimento” (Mt 3,8). A indiferença diante da prática de Jesus e da pregação de João é sinal que “esta geração” não quer Jesus e é incapaz de converter-se (cf. Mt 12,39.41; 17,17). Diante da aparição do Batista e de Jesus, a situação é comparável ao toque da flauta numa festa, mas ninguém dança conforme a música; ou como um canto de lamentação que convida ao arrependimento, mas ninguém bate no peito! (Mt 11,16-17) (BONNARD, 1983, p. 253). Deveriam arrepender-se com João, pois ele é o último dos profetas-precursores. Com Jesus, deveriam se alegrar já que inaugura o reino da graça e da glória.

A frase final – “a sabedoria foi justificada pelas suas obras” (Mt 11, 19) – significa que, independente de quem anuncie, as obras, se forem justas,

⁵ Até Herodes Antípas pensava que Jesus era o Messias redivivo (Mt 14,1-2; Mc 6,14-16; Lc 9,7-9).

têm autoridade por si mesmas. Assim, seguindo Pierre Bonnard (1983, p. 254): “se as pessoas não recebem nem o Batista e nem Jesus, nem por isso as obras escatológicas (milagres, toda a atividade de Jesus) deixam de justificar a sabedoria. Elas atestam a validade da obra de Deus cumprida por João e Jesus”. Há necessidade de que as obras sejam vistas para dar glória a Deus (cf. Mt 5,16). As obras que Jesus realiza em nome do Pai é que dão testemunho (cf. Jo 10,25). As obras de libertação reforçam a identidade messiânica de Jesus. Não é o que os outros dizem de Jesus que define sua missão, mas são os sinais visíveis de libertação que indicam a chegada do reino.

Considerações finais

Na narrativa da infância de Lucas, as analogias entre Jesus e João justificam a origem e a missão divina deles. Anuncia-se que João será pleno do Espírito Santo (Lc 1,15) e irá preparar ao Senhor um povo bem-disposto (Lc 1,18); terá o poder e a autoridade de Elias (Lc 1,17). Ele é grande, enquanto último profeta que fecha o antigo testamento e anuncia o novo. A partir de João, o reino de Deus é anunciado (Lc 16,16). Quem salva é Jesus, anunciado como Cristo-Senhor (Lc 2,11), o Filho do Altíssimo (Lc 1,32). O relato da infância dá ênfase à autoridade de João Batista, que “será profeta do altíssimo, pois irá adiante do Senhor para preparar os seus caminhos”(Lc 1,76), enquanto Jesus é reconhecido como Salvador enviado de Deus. Simeão com Jesus nos braços reconheceu nele a chegada da salvação: “meus olhos viram tua salvação” (Lc 2,30). E Ana agradecia a Deus e falava do menino a todos os que esperavam a salvação (Lc 2,38). O nascimento é apresentado como boa nova, em consonância com o ministério de João e Jesus, que a seu modo foram profetas do Novo Reino.

A partir da vida pública de Jesus, percebem-se algumas analogias entre Jesus e João: pregam a conversão e a vinda do reino de Deus (Mt 3,2; 4,17), para falar do juízo usam as mesmas imagens da árvore que não dá fruto (Mt 3,10; 7,19), servem-se das mesmas palavras duras, de denúncia contra os fariseus e saduceus (Mt 3,7; 12,34; 23,33). Tanto

Jesus como João são profetas (Mt 21,26.45; Lc 16,16), mas João não é o Messias. Jesus é o mais forte que vem depois de João. É Jesus quem batizará com o Espírito Santo e com fogo e realizará a salvação.

A autoridade de João e de Jesus vem de Deus, pois o Espírito Santo estava presente neles. A ação do Espírito é preanuncio da missão profética. João Batista é o precursor que pregou um batismo de conversão para a remissão dos pecados. Jesus aceitou esse batismo, submeteu-se a ele nas águas para cumprir toda a justiça. A busca do reino de Deus e o cumprimento de toda a justiça é a preocupação teológica de Mateus. Essa justiça vai além do cumprimento do ritual do batismo. Inclui uma ética humana, na solidariedade e no serviço para a libertação do povo. Se a autoridade de João e Jesus não era aceita por uma parte do povo, isso não impedia a realização das promessas de Deus. A sabedoria de Deus se justifica pelas obras que podem ser vistas. As obras de conversão e justiça atestam a validade da obra de Deus realizada em João e Jesus.

Referências

- BONNARD, P. **Evangelio segun San Mateo**. Madrid: Cristiandad, 1983.
- BORN, A. van den. (Org.). **Dicionário enciclopédico da Bíblia**. Petrópolis: Vozes, 1971.
- BORNKAMM, G. **Jesus de Nazaré**. Edição revista e atualizada. São Paulo: Teológica, 2005.
- BROWN, R. E. **O nascimento do Messias**: comentário das narrativas da infância nos evangelhos de Mateus e Lucas. São Paulo: Paulinas, 2005.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL – CNBB. **Hoje a salvação entra nesta casa**: o Evangelho de Lucas. São Paulo: Paulinas, 1997.
- DUQUOC, C. **Cristologia**: o Homem Jesus. São Paulo: Loyola, 1977.
- FABRIS, R. **Matteo**. Traduzione e commento di Vangelo di Marco e Città Nuova. Roma: Borla, 1982.

-
- FITZMYER, J. A. **El Evangelio segun Lucas II**. Traducción y comentario de Dionisio Minguéz. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1987.
- GNILKA, J. **El Evangelio segun San Marcos**. Salamanca: Sigueme, 1986.
- JEREMIAS, J. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Paulinas, 1984.
- LÀCONI, M. et al. **Vangeli Sinottici e Atti degli Apostoli**. Torino: Elledici, 1999. (LOGOS – Corso di Studi Biblici 5).
- LUZ, U. **Matthew 1-7: a commentary**. Edinburgh: T & T Clark, 1989.
- MAZZAROLO, I. **Evangelho de Marcos: estar ou não com Jesus**. Rio de Janeiro: Mazzarolo Editor, 2004.
- MAZZAROLO, I. **O Evangelho de Mateus**. Rio de Janeiro: Mazzarolo Editor, 2005.
- MYERS, C. **O Evangelho de São Marcos**. São Paulo: Paulinas, 1992. (Grande Comentário Bíblico).
- RABUSKE, J. I. **Jesus exorcista: estudo exegético e hermenêutico de Mc 3,20-30**. São Paulo: Paulinas, 2001.
- SABOURIN, L. **Il Vangelo di Matteo**. Teologia e Esegese. Roma: Paoline, 1976.
- TAYLOR, V. **Evangelio segun San Marcos**. Madrid: Cristiandad, 1979.

Recebido: 22/02/2010

Received: 02/22/2010

Aprovado: 29/03/2010

Approved: 03/29/2010